

Iniciação Científica em História da Educação: uma experiência de formação ao alcance do estudante de Pedagogia

Loyane Cristine Cafieiro Monteiro¹
Juliana Serpa Andrade²
Keyla de Souza e Sila Batista³
Vera Lúcia Nogueira⁴

Este texto busca narrar o que alunas do curso de Pedagogia, em momentos distintos de sua formação, estudando também em diferentes turnos e núcleos formativos, teriam em comum: uma atividade de Iniciação Científica em pesquisa do campo da História da Educação⁵; uma viagem rumo ao século XIX repleta de pontos de interrogação e de muitas descobertas!

Tal narrativa faz parte das impressões que tivemos durante a pesquisa e que compartilhamos com outros estudantes em um relato de experiência no evento “Reflexões sobre o Saber Docente”. A abertura que nos foi dada para contarmos um pouco de nossas histórias acadêmicas permitiu que os discentes conhecessem um universo para além do que é oferecido na graduação, levantando o interesse de muitos em participarem conosco do processo investigativo.

1 Bolsista de Iniciação Científica - aluna do 6º Núcleo Formativo do curso de Pedagogia (manhã) da FaE/ CBH/ UEMG.

2 Bolsista de Iniciação Científica - aluna do 5º Núcleo Formativo do curso de Pedagogia (noite) da FaE/CBH/ UEMG.

3 Bolsista de Iniciação Científica - aluna do 3º Núcleo Formativo do curso de Pedagogia (tarde) da FaE/ CBH/ UEMG.

4 Pesquisadora e professora da FaE/ CBH/ UEMG.

5 Trata-se da pesquisa intitulada “Política e Educação na Província de Minas Gerais: implicações da alta rotatividade no cargo de presidente na formulação das políticas de instrução pública primária (1850-1889)”, aprovada pela FAPEMIG, Edital de Demanda Universal 01/2014, processo nº APQ-02959-14, com vigência de 07/2015 a 07/2017.

Para relatar nossa experiência, nada melhor do que começarmos refletindo sobre a nossa compreensão sobre ela, tomando de empréstimo as palavras de Jorge Larrosa Bondía (2002). Assim, consideramos propício utilizar a definição do autor para a palavra *experiência* para podermos contar a nossa história e falarmos do sentido que ela tem para nós. Ele nos fala, dessa forma:

Poderíamos dizer, de início, que a experiência é, em espanhol, “o que nos passa”. Em português se diria que a experiência é “o que nos acontece”; em francês a experiência seria “ce que nous arrive”; em italiano, “quello che nos succede” ou “quello che nos accade”; em inglês, “that what is happening to us”; em alemão, “was mir passiert”. A experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca. Não o que se passa, não o que acontece, ou o que toca. A cada dia se passam muitas coisas, porém, ao mesmo tempo, quase nada nos acontece. Dir-se-ia que tudo o que se passa está organizado para que nada nos aconteça (BONDÍA, 2002, p. 21).

Nesse sentido, a experiência de fazermos Iniciação Científica não foi algo que aconteceu de modo despercebido. Significativa, ela nos atravessou, marcando totalmente as nossas percepções sobre o que é ser uma estudante de Pedagogia que também pesquisa. É pertinente dizermos que ela vem nos ensinando a ser professoras que investigam e que buscam pensar além do que está explícito, bem como a refletir sobre como deve ser a postura de uma profissional que pretende promover mudanças para/na educação.

Você deve estar se perguntando: “Mas, o que é Iniciação Científica?”, ou simplesmente IC, para nós! No nosso entendimento e em nossa vivência, podemos dizer que é o processo pelo qual a Faculdade contribui para que os estudantes da graduação atuem na produção de conhecimento. É uma atividade facultativa que abre portas para que eles possam vislumbrar perspectivas para além das abordagens disciplinares obrigatórias. Essa atividade, que nos inicia na investigação científica, pode ser remunerada, com uma bolsa de valor simbólico, por meio do Programa Institucional de Apoio à Pesquisa da UEMG – PAPq/UEMG, ou por agências de fomento à pesquisa, como a Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais (FAPEMIG), a Coordenação de

Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) e o Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq)⁶. Para participar da IC, o estudante pode propor um projeto de pesquisa para investigar determinada área do conhecimento, e deve receber apoio de um professor orientador ou integrar uma equipe de pesquisa e investigar alguma coisa que contribua com o projeto.

Mas, afinal, o que estamos pesquisando? A nossa pesquisa é em História da Educação e busca identificar, no período do Brasil Império, especificamente entre 1850 a 1889, o que os governantes de Minas Gerais, que, na época, era denominada de Província⁷, buscaram fazer pela instrução pública. O cargo exercido por eles era denominado presidência, e sua atuação era semelhante ao que o governador realiza nos dias de hoje. Para entendermos melhor como eram estabelecidas as ações políticas da época, partimos de fontes documentais de natureza oficial, consultando, por exemplo, o livro das Leis Mineiras, na busca pelo ordenamento jurídico (leis, regulamentos, decretos) que trata da escolarização; arquivos físicos e digitais, com o intuito de obter dados biográficos dos presidentes de província para estabelecer, assim, um laço entre suas vidas e suas ações públicas. As informações sobre os presidentes, estamos organizando em um quadro prosopográfico, o mesmo que quadro de biografia coletiva.

O projeto foi elaborado pela coordenadora da pesquisa, professora Vera Lúcia Nogueira, que já vem se debruçando, nos últimos anos, sobre a questão da educação mineira no século XIX. Agora, estamos procurando saber em que medida as relações entre o Governo Geral da Corte e as políticas para a instrução pública impactaram a escolarização mineira, a fim de preenchermos lacunas ainda existentes no campo da História da Educação e da História Política.

Desse modo, nosso trabalho de pesquisa conta com uma equipe da

6 De modo geral, esse fomento “visa apoiar a política de Iniciação Científica desenvolvida nas Instituições de Ensino e/ou Pesquisa, por meio da concessão de bolsas de Iniciação Científica (IC) a estudantes de graduação integrados na pesquisa científica.” (Informação disponível no site: www.cnpq.br/web/guest/pibic).

7 O Dicionário Online de Português define Província como sendo “uma unidade de uma federação ou confederação colocada sob a autoridade de um poder central”. Somente quando o Brasil se torna uma república é que as províncias passam a ser chamadas de estado.

qual também faz parte um estudante⁸ do Programa de Pós-graduação em Educação e Formação Humana da FaE/UEMG (Mestrado), o qual colabora bastante com as investigações, e ainda duas estudantes⁹ do ensino médio, bolsistas de Iniciação Científica Junior¹⁰, que já começam a se familiarizar com a atividade de pesquisa e com alguns elementos presentes na realidade acadêmica. Essa composição torna o grupo rico e com olhares diversificados, enriquecendo a troca de saberes.

O nosso projeto de pesquisa ainda está em andamento, existindo algumas suposições acerca do tema, sem comprovações exatas; entretanto, já nos foi possível, por meio dessa experiência, alcançar aprendizagens significativas que não aumentaram apenas o conhecimento sobre o campo investigado, mas que também vem nos auxiliando na realização de tarefas cotidianas que nos são exigidas durante o curso de Pedagogia, como o aprimoramento da escrita e a compreensão de leituras mais complexas e teóricas. Assim, esse aprimoramento não parte apenas do saber de coisas; esses conhecimentos que auxiliam no cotidiano fazem parte de nós, pois eles nos tocaram bem como aponta o autor:

E o que gostaria de dizer sobre o saber de experiência é que é necessário separá-lo de saber coisas, tal como se sabe quando se tem informação sobre as coisas, quando se está informado. É a língua mesma que nos dá essa possibilidade. Depois de assistir a uma aula ou a uma conferência, depois de ter lido um livro ou uma informação, depois de ter feito uma viagem ou de ter visitado uma escola, podemos dizer que sabemos coisas que antes não sabíamos, que temos mais informação sobre alguma coisa; mas, ao mesmo tempo, podemos dizer também que nada nos aconteceu, que nada nos tocou, que com tudo o que aprendemos nada nos sucedeu ou nos aconteceu (BONDÍA, 2002, p. 22).

Ao separarmos o saber das coisas por algo que nos alcança, fomos atravessadas pela experiência e, em plena era da informação, conseguimos

8 Dalvit Greiner de Paula.

9 Amanda Coimbra Ferreira e Izabela Rodrigues.

10 Programa oferecido pela FAPEMIG na modalidade de bolsa destinada a estudantes do Ensino Médio das escolas públicas municipais e estaduais sediadas no estado de Minas Gerais e que queiram atuar em atividades de pesquisa, sendo as cotas de bolsa concedidas para as Universidades e para os Centros de Pesquisa que tenham atividades de ensino superior ou de pós-graduação (lato e / ou stricto sensu).

ser tocadas pelas descobertas que estamos obtendo com a nossa pesquisa empírica. Não é apenas uma informação para nós o fato de terem existido diversos presidentes de província cujos mandatos ocorreram em curtos períodos de tempo, havendo alguns que apenas ocuparam a cadeira do poder por poucos dias, enquanto hoje o período de mandato do governador do estado é de quatro anos. O que, aparentemente, pode ser algo que passe despercebido aos olhos de algumas pessoas, para nós, na condição de pesquisadoras iniciantes, se traduz em reflexão e nos instiga a querer descobrir os porquês e quais as implicações que essas situações podem ter tido na educação. Provoca-nos a questionarmos e a pensarmos se, de alguma forma, isso poderia ter alguma interferência em nossas vidas de estudantes e de futuras docentes. Caso haja algo do passado influenciando a educação da atualidade de modo negativo, a descoberta poderá nos ajudar a propor medidas para transformar o resultado obtido; se, por ventura, for o contrário, o que poderemos fazer com posturas e ações que perpetuem o que nos foi deixado também é importante no processo educacional, mas essa consciência só ocorre quando a experiência te atinge.

A emoção da visita ao Arquivo

Algo que está intrínseco à experiência, segundo Jorge Larrosa, é a emoção, seja ela boa ou ruim. A emoção que vivenciamos ao visitar o Arquivo Público Mineiro¹¹ pela primeira vez foi algo extraordinariamente agradável! Primeiro, para começar, estar em um ambiente fora do espaço cotidiano sempre nos é motivo de curiosidade e excitação. Nem sempre, durante a Graduação, temos oportunidade de conhecermos outros espaços que não sejam a escola; com a nossa pesquisa, isso nos foi proporcionado.

A entrada do prédio, na Avenida João Pinheiro, já nos chama a atenção por sua beleza arquitetônica; é um lugar que nos convida a entrar e a descobrir o que tem em seu interior. A ansiedade e a expectativa por ter acesso aos documentos antigos, por poder manusear papéis importantes,

11 Localizado na Avenida João Pinheiro, 372, Bairro Funcionários, Belo Horizonte, Minas Gerais.

tocados e produzidos por pessoas de outra época já nos traz a sensação de não sermos mais pessoas comuns; proporciona-nos o sentimento de que estamos fazendo algo exclusivo, e de que somos tão importantes quanto os próprios sujeitos que foram presidentes da província.

Ah, os papéis amarelos e desgastados pelos séculos! Quantas histórias estão guardadas naquelas folhas, esperando pelas nossas perguntas! Resquícius de memórias e de vidas agora sendo segurados por nossas mãos protegidas por luvas e vistas por trás das “máscaras de cientistas”. A letra, muitas feitas cuidadosamente, à pena e à tinta, e, às vezes, a impossível missão de desvendar uma caligrafia incomum aos nossos olhos... Os sentidos à flor da pele eram estimulados por aquele momento. Aguçávamos a visão principalmente porque, como leigas, não entendíamos nenhuma palavra escrita e nos esforçávamos por “traduzir” o que estávamos lendo. Naquele dia, com custo, conseguimos descobrir algumas coisas; percebemos que a pesquisa tem lá seus desafios: entramos no Arquivo achando que leríamos todos os enormes livros que nos foram entregues, mas de lá saímos com a leitura efetiva de pouco mais de duas páginas, devido à nossa dificuldade de iniciante.

O tato do plástico das luvas na superfície do papel já gasto, a leitura que se desenhava à nossa frente nos transportava para outro lugar, uma Minas Gerais tão diferente da que conhecemos hoje. Uma província de 1860, datada pelos registros como anos de “Nascimento de Nosso Senhor Jesus Cristo”. O olfato recebia o aroma da distância entre os séculos, cheirinho de lembranças não vividas por nós e que, agora, renasciam em nós. Era possível ouvir o som do lápis riscando nosso ofício branco e jovem, sendo transformado em algo paradoxal e transitório, pois começavam a receber traços realizados pela juventude de momentos velhos que eram cuidadosamente copiados. Aquele barulho era como se ele fosse, aos poucos, transformando o moderno em algo antigo, tão antigo que também poderia se esfarelar a um simples deslize de uma palavra reproduzida erroneamente.

O paladar, que parecia ser o único sentido inexistente naquele dia, surgiu-nos de modo inesperado. Sentíamos o gosto da fome, fome esta que não carecia de alimentos e nutrientes para fortalecer nossos corpos; a

fome provocada por aquele lugar cheio de armários, de mesas, de gavetas e com iluminação apropriada para conservar o passado; no fundo, era fome de descoberta. Fome de ter o mundo nas mãos e todas as respostas para nossos questionamentos. Aquele sabor que não te sacia e que de tão bom nos faz querer pedir mais.

Depois de termos experimentado aquele dia de cientistas, jogamos fora as luvas e as máscaras, mas não jogamos fora aquelas sensações; saímos insaciadas e desejosas de retornarmos àquele local que mais parecia um portal mágico, talvez até mais eficiente do que uma máquina do tempo.

Consultar o Arquivo Público Mineiro e nos colocarmos no lugar de pesquisadoras nos faz vestir a máscara que, inicialmente, protege nossas vias respiratórias dos ácaros; porém, esse acessório descartável nos traz outro aprendizado. Naquele momento, como uma atriz que veste o figurino e se torna alguém diferente de si mesma, vestimos a roupa da ciência. Aprendemos que ela também está ao nosso alcance e no da educação. Pesquisar sobre a instrução pública das Minas Gerais oitocentistas é construir um conhecimento científico que nos permite até mesmo comparar esse fazer com aquele do pesquisador que procura a cura de uma doença ou que inventa um programa de computador. É produzir ciência, uma ciência dos seres humanos...

Uma das reflexões que realizamos sobre a profissão que pretendemos seguir é que nós devemos passar a valorizar nossa área de atuação no tocante às pesquisas da mesma maneira como valorizamos os investimentos em descobertas de outros campos de atuação. Ainda somos muito inexperientes para podermos nos considerar cientistas profissionais, mas aquela visita e o desenrolar da pesquisa têm nos mostrado que podemos nos considerar *cientistas mirins*, pois já demos o primeiro passo em direção ao alcance do saber. Já estamos utilizando os métodos científicos para investigar e nos apropriando de terminologias anteriormente desconhecidas.

Para além da sala de aula

Outro aspecto que gostaríamos de ressaltar em nossas rotinas como bolsistas de Iniciação Científica é a oportunidade que temos de participar de eventos acadêmicos, seja como ouvintes, seja como apresentadoras, em seminários e congressos, entre outros. Embora também possamos fazer isso cursando a graduação, o leque de atividades e a oportunidade de dialogarmos com outros estudiosos se expande durante a realização dessas atividades. Também pudemos contribuir na organização de alguns desses eventos, o que nos proporcionou uma visão mais gerencial que poderá ser adotada durante a nossa atuação como pedagogas em espaços escolares e não escolares.

Esses momentos, assim como a visitação em um arquivo físico, trazem poderosas riquezas. Em determinados períodos, os eventos ocorrem em outras universidades, levando-nos a sair de um ambiente rotineiro e nos revelando outros espaços acadêmicos, como a Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) ou outras unidades da UEMG. Nessas ocasiões, temos o privilégio de ficar frente a frente com grandes pensadores e intelectuais. Aqueles mesmos, os autores dos textos que pegamos no xerox, só que “ao vivo e em cores”, dispostos a te ouvir. Podemos dialogar com essas pessoas “de igual para igual”, questionando-as, colocando nossas ideias e tirando nossas dúvidas. Temos a oportunidade de conhecer as pessoas que admiramos pelo que escrevem, e até passamos a admirar autores que, em princípio, apenas pela leitura, não nos identificávamos com o seu modo de pensar. É possível, desse modo, ir além da opinião:

[...] a experiência é cada vez mais rara por excesso de opinião. O sujeito moderno é um sujeito informado que, além disso, opina. É alguém que tem uma opinião supostamente pessoal e supostamente própria e, às vezes, supostamente crítica sobre tudo o que se passa, sobre tudo aquilo de que tem informação. Para nós, a opinião, como a informação, converteu-se em um imperativo. Em nossa arrogância, passamos a vida opinando sobre qualquer coisa sobre que nos sentimos informados. E se alguém não tem opinião, se não tem uma posição própria sobre o que se passa, se não tem um julgamento preparado sobre qualquer coisa que se lhe

apresente, sente-se em falso, como se lhe faltasse algo essencial. E pensa que tem de ter uma opinião. Depois da informação, vem a opinião. No entanto, a obsessão pela opinião também anula nossas possibilidades de experiência, também faz com que nada nos aconteça (BONDÍA, 2002, p. 22).

Para Larrosa, quando a informação e a opinião se sacralizam, tornamo-nos incapazes de sermos sujeitos de experiência, pois a individualidade se anula, tornando-nos pessoas informadas que apenas veiculam a opinião do coletivo. Somos, assim, manipulados e alienados pelo que os outros pensam. A Iniciação Científica, ao nos possibilitar viver esses eventos, portanto, conduz para que tenhamos uma visão crítica do que nos é apresentado; novamente, tornando-nos indivíduos da experiência, ao invés de meros informantes.

No ano corrente, de 2015, já tivemos a oportunidade de trabalhar junto à organização do 8º Congresso de Pesquisa e Ensino em História da Educação em Minas Gerais¹² e também de apresentarmos resultados parciais de nossa pesquisa em um Simpósio Temático. O sentimento que tivemos, ao debater com pesquisadores mestres e doutores antes de terminarmos a graduação, foi bastante semelhante ao que vivenciamos, quando nos sentimos alguém importante, na visita ao Arquivo pela primeira vez. Esse protagonismo possibilitado pela IC oferece uma motivação para continuarmos nos dedicando e a estarmos abertas para sermos atravessadas por outras experiências futuras, sendo algo que nos passa, e não o que se passa, bem como propõe Larrosa.

Outra coisa importante é que a ação de pesquisar também pode nos qualificar melhor para uma possível entrada nos Programas de Pós-graduação, além de nos deixar familiarizadas com os pilares do ensino, da pesquisa e da extensão, por estarmos mais próximas dessas rotinas. Ao contribuir para a inserção em Programas de Pós-graduação *stricto sensu*, por exemplo, você pode optar por realizar o Mestrado e, depois, atuar como professor universitário, não necessitando de abrir mão da produção de pesquisas científicas. Nesse caso, a Iniciação Científica é um campo de atuação que está ao alcance do estudante de Pedagogia. A

12 Evento realizado entre os dias 24 e 27 de agosto de 2015 na Universidade Federal de Minas Gerais.

Iniciação Científica também oferece a nós, bolsistas, técnicas e métodos de pesquisa que podem nos auxiliar na escrita da monografia, trabalho que, muitas vezes, costuma ser o maior desafio durante a graduação.

Conforme destaca Bondía (2002), é preciso pensar a educação pela perspectiva do par experiência-sentido. A teoria e a prática estão atreladas, embora algumas pessoas caiam no equívoco de supor que, em algum momento, elas virão a se separar. Quando a teoria se torna a própria experiência, como vem nos ocorrendo, o sentido, a significação que ela toma se funde na prática, e exercemos nosso ofício sem distinção ou predileção por uma, em detrimento da outra. Assim, a educação escolarizada que recebemos condiz com o pensamento do autor, tornando nossa aprendizagem efetiva e de qualidade.

Nossos aprendizados

Com o desenvolvimento desse projeto de pesquisa, conseguimos aprender bastante coisas a respeito da organização administrativa da província de Minas Gerais e da História da Educação. Descobrimos, como dito anteriormente, que havia alta rotatividade na presidência da província; que era o Imperador, Dom Pedro II, quem os nomeava, e, por isso, essas nomeações eram movidas por jogos políticos. Descobrimos um pouco sobre os sujeitos que foram presidentes da província mineira, a formação que receberam antes da entrada na vida pública, sendo a maioria de bacharéis em direito e médicos. Conseguimos perceber a relevância em se estudar a genealogia desses políticos, pois essa nos aponta para a permanência de traços de uma cultura que se reflete nos modos de se pensar e de se fazer política no Brasil.

Com a leitura e a análise da legislação educacional, conseguimos perceber a mobilização dos presidentes voltada para a instrução primária, seja por meio da criação de vagas para professores, seja pela criação das cadeiras de primeiras letras, as escolas isoladas. Também acompanhamos os usos políticos dessa ação na relação com o jogo de forças entre as principais famílias tradicionais de Minas, como as dos governantes Antônio Teixeira de Souza Magalhães (2º Barão de Camargos) e Joaquim

Delfino Ribeiro da Luz, entre outros.

Alcançamos a percepção socrática de que, quanto mais vamos descobrindo respostas para os questionamentos levantados, mais outros vão surgindo, deixando-nos à margem da ignorância. Aprendemos que as perguntas sem respostas podem nos ensinar a ouvir o silêncio das fontes, e que a falta de explicação para algo pode ser, exatamente, indício de desinteresse e de desatenção de uma época que não tomou determinadas questões como problemas; questões que, hoje, elegemos como problemas dignos de serem investigados.

Temos a percepção de que ainda é muito cedo para podermos afirmar ou negar algo, mas podemos garantir que todo o esforço que temos feito vem sendo compensado, principalmente todas as vezes em que temos acesso a algum indício, sinal ou a marcas que nos levam a construir nossas respostas provisórias. É claro que existem dias em que não encontramos nada e o desespero nos assola, mas, quiçá, estejamos adquirindo a paciência e a sabedoria dos pesquisadores mais experientes que sabem esperar com calma. Desejamos, movidas pela fome, aquela de que já falamos, devorar o mundo e plantar as sementes por aí.

Quem sabe não adquiriremos essa sabedoria com o tempo? Esse tempo no qual estamos *experimentando a experiência* e que se revela em um século XIX cheio de segredos, surpresas prestes a serem reveladas e que nos ensinam que realizamos uma ótima escolha ao nos interessarmos pelo fazer da pesquisa em História da Educação. Aprendemos com ele que os acontecimentos do passado se relacionam de alguma forma com os do presente, e que o futuro, o nosso futuro, depende do que vamos fazer com isso.

Não mais nos sentimos tão perdidas e deslocadas pela escadaria da Faculdade como quando iniciamos o Curso, e acreditamos que as repercussões de nossas descobertas poderão quebrar determinados paradigmas, instaurando outros. Se pudermos demonstrar que o Império não foi um período que deve permanecer apagado na memória, por ter sido construído como um tempo de vazio na educação, pelos escritos de Fernando de Azevedo (1943)¹³, muito teremos feito pela educação.

13 AZEVEDO, Fernando de. **A cultura brasileira**. Rio de Janeiro: IBEGE, 1943.

Poderemos ter mais histórias para contar, ou melhor, mais histórias a se pesquisar!

Assim, fazer Iniciação Científica é, para nós, alunas do curso de Pedagogia da FaE/UEMG, uma experiência de muitos significados que nos levam a grandes conhecimentos e que podem nos levar a inúmeras descobertas. É uma atividade que nos lança no mundo das perspectivas, do inusitado, mesmo porque:

[...] a experiência tem sempre uma dimensão de incerteza que não pode ser reduzida. Além disso, posto que não se pode antecipar o resultado, a experiência não é o caminho até um objetivo previsto, até uma meta que se conhece de antemão, mas é uma abertura para o desconhecido, para o que não se pode antecipar nem “pré-ver” nem “pré-dizer!” (BONDÍA, 2002, p. 28).

Certamente, não sabemos o que nos atravessará daqui para frente, pois existem, no ofício de bolsistas de IC, dificuldades e realizações; algumas vezes, lágrimas; e algumas vezes, risos; mas não há nada que possamos antecipar dessa experiência que nos toca. Sabemos, por outro lado, que existe um universo de possibilidades esperando por nós, e que vamos poder utilizá-las na tentativa de melhorar o campo que escolhemos para a nossa atuação: o da educação.

Enfim, uma certeza temos: fomos atingidas pela experiência e, desde então, tudo o que nos rodeia na FaE/UEMG tem feito mais sentido para nós, alunas do curso de Pedagogia que se encontraram com um objetivo comum: iniciar-se na pesquisa científica.

Referências

AZEVEDO, Fernando de. **A cultura brasileira**. Rio de Janeiro: IBEGE, 1943.

BONDÍA, Jorge Larrosa. **Notas sobre a experiência e o saber de experiência**. Espanha: Universidade de Barcelona, 2002.

BOOTH, Wayne; COLOMB, Gregory; WILLIAMS, Joseph. **A Arte da**

Pesquisa. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

CALAZANS, J. (Org.). **Iniciação científica: construindo o pensamento crítico**. São Paulo: Cortez, 1999. p.13-56.

DEMO, P. Educar pela pesquisa. Campinas: Autores Associados, 1997.

DAMASCENO, M. N. A Formação de novos pesquisadores: a investigação como uma construção coletiva a partir da relação teoria-prática. In: ECO, H. **Como se faz uma Tese**. São Paulo: Perspectiva, 1986.

LAVILLE, C.; DIONNE, J. **A construção do saber: Manual de metodologia da pesquisa em ciências humanas**. [Revisão técnica e adaptação da obra: Lana Mara Siman.] Porto Alegre: Artmed, 1999.

LÜDKE, M. **Pesquisa em Educação: Abordagens Qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986.

Dicionário Online de Português. Disponível em <<http://www.dicio.com.br/provincia/>> Acesso em: 03 jun. 2015.

Manual de Pesquisa da UEMG. Disponível em:<http://www.uemg.br/downloads/Manual_Pesquisa_UEMG.pdf> Acesso em: 30 set. 2015.